



NOTÍCIAS DA CÂMARA

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho, vem, por este meio, dar conta do estado em que se encontram alguns problemas, que, sendo da Câmara, o são em primeiro lugar de todos os municípios. Da maneira como temos procurado solucioná-los gostaríamos que fosse feita uma análise crítica. Evidentemente que desejamos que essa crítica seja tanto quanto possível, objectiva até para proveito de todos nós. Dito isto passamos a enumerar os referidos problemas:

PREVIDÊNCIA

Pedimos, e foi superiormente autorizada, a inscrição, na Caixa Geral de Aposentações dos funcionários que, por motivo de idade, disso estavam impossibilitados.

HABITAÇÃO

Oficiamos à Junta Central da Casa dos Pescadores no sentido de ser ordenada a reparação, urgente, do seu Bairro. Bairro que atingiu um tal estado de abandono que cada dia se torna mais difícil uma recuperação socialmente útil. Foi-nos manifestada a melhor boa vontade em resolver o caso, mas, de momento, a má situação financeira da Junta não o permite. Posta a questão a S. Exa. o Secretário de Estado de Habitação e Urbanismo este despachou no sentido de estudar uma possível colaboração do seu departamento com a Junta.

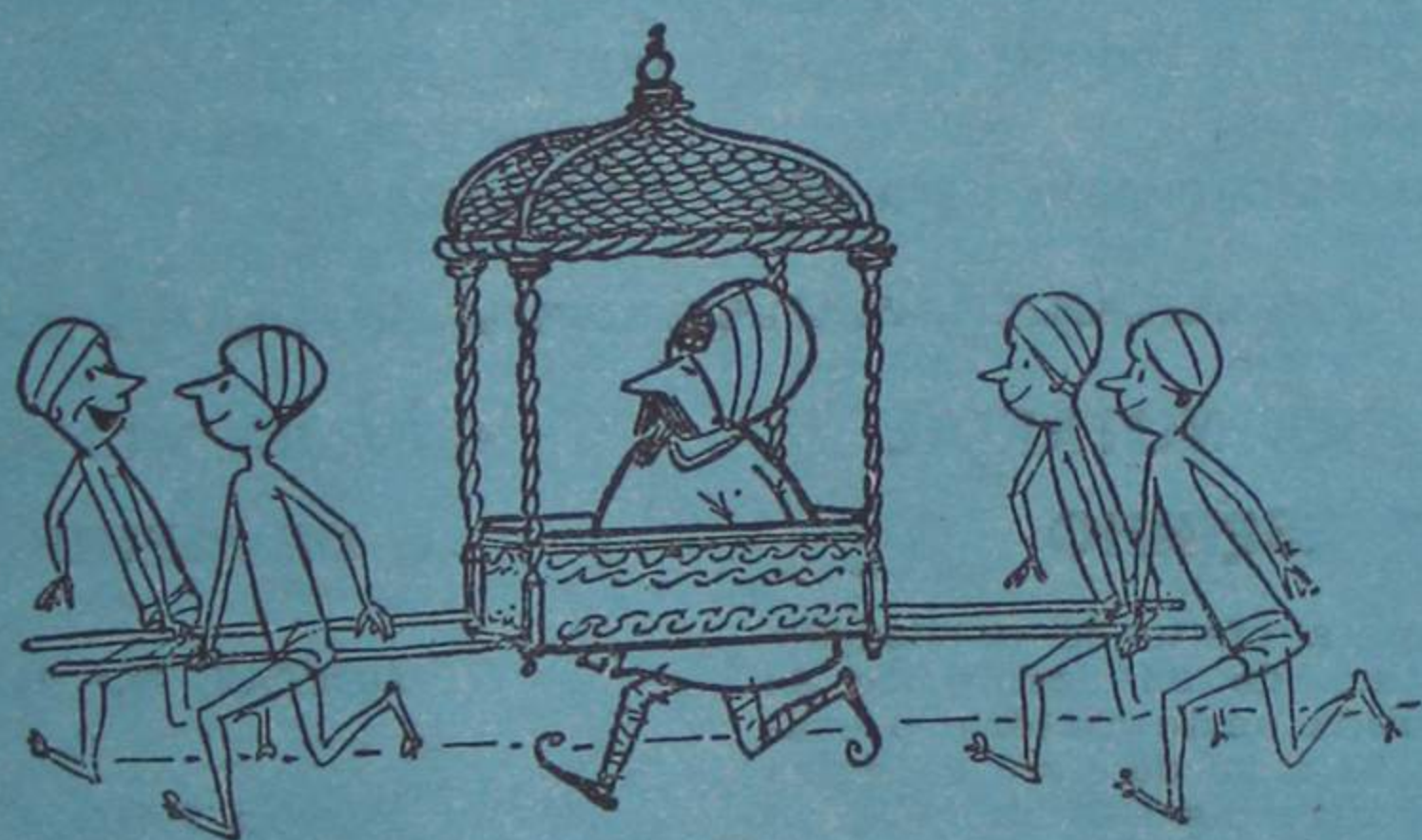
Bloco de Apartamentos da Caixa Geral de Depósitos:

Em consequência de existir, nesta Câmara, um projecto aprovado — há mais de dez anos — oficiamos à Caixa a solicitar a sua execução e chamando a atenção para a carência habitacional que se verifica em Espinho. Foi-nos respondido que por força da lei as construções deste tipo ficaram a cargo do Fundo de Fomento de Habitação. No mesmo dia enviamos fotocópia do ofício recebido para o Fundo de Fomento de Habitação e aguardamos resposta.

Serviço Ambulatório de Apoio Local: S. A. A. L.

Entramos em contacto com este departamento e fomos prontamente atendidos. Cabe aqui uma palavra de reconhecimento à Exma. Sra. Arq. Maria Margarida Coelho da Silva que no passado dia 22 do

(Continua na pág. 4)



É o Sultão mais democrata que eu conheço!

SERÁ AGORA?

A CP É UMA EMPRESA ANQUILOSADA ONDE HAVIA MUITA VELHARIA E MUITAS TEIAS DE ARANHA. AINDA HOJE É NECESSÁRIO FAZER UMA REFORMA E A INTRODUÇÃO DE SANGUE NOVO. — Palavras do Secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, na sua última deslocação a Aveiro.

Este aval do responsável do Governo vem oficializar publicamente as obsoletas administrações que têm gerido a que devia ser o modelo dos transportes nacionais, ao serviço de todo o povo. Os intocáveis administradores políticos que

geriam a CP têm assim a pública comenda dos seus amorfos serviços. A crónica retaliação usada para Espinho é pequena imagem das geralmente improdutivas e prejudiciais directivas ordenadas das tacanhas mentalidades de outrora.

É preciso aguardar agora que as transfusões de sangue sejam aceleradas, porque a gravidade da doença vai exigir uma convalescença prolongada. E com ela a resolução dos velhinhos problemas da nossa cidade.

ALMEIDA CAMPOS

EDITORIAL

«A poesia é indispensável — se ao menos eu soubesse para que serve...» Nesta frase de Jean Cocteau, está contida a questão da necessidade da cultura, nem sempre bem compreendida do ponto de vista utilitário. Milhões de pessoas lêem livros, ouvem música, vêem teatro, vão ao cinema! Porquê? Qual o motivo que nos leva a mergulharmos desta forma nos problemas e na vida dos outros, a identificarmo-nos com uma pintura ou uma obra musical, com as personagens de um romance, de uma peça teatral ou de um filme? Será só por distração? Ou será para fugirmos ao tédio e a uma existência medieval, para nos refugiarmos noutra existência mais rica numa aventura sem autênticos riscos?

Evidentemente que o homem, como ser social que é, não se satisfaz apenas com a sua existência, com a sua vivência isolada. Além da sua realização pessoal, aspira a uma plenitude da vida que a sua condição individual com todas as suas limitações lhe frustra, um mundo mais compreensível e justo, um mundo que tenha um sentido. O homem deseja ardentemente absorver o mundo que o rodeia, torná-lo seu, conhecê-lo até às remotas constelações e aos mais profundos segredos do átomo.

Se o homem fosse um ser pleno, esse desejo seria absurdo, pois que então, seria tudo o que era capaz de ser. O desejo do homem de se desenvolver e completar indica que ele é mais do que um indivíduo isolado. Sente que só pode atingir uma realização total se se puderar da experiência alheia que potencialmente poderia ser dele. Todavia o que o homem sente como potencialmente seu exclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A cultura é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflecte a capacidade para a associação para partilhar experiências e ideias.

A cultura é sempre condicionada pela sua época e representa a humanidade na medida em que corresponde às ideias e às aspirações, às necessidades e às esperanças de uma determinada situação histórica, cria também uma procura de constante desenvolvimento.

A cultura é uma arma perigosa para os sistemas opressivos, pois que leva a uma compreensão dos fenómenos sociais, que cria nos homens a necessidade de alterá-los. A medida que se dá o progresso da ciência e da técnica, as sociedades têm também que ir acompanhando este desenvolvimento de modo a adaptarem-se às novas relações de produção.

Esta a razão de se ter vivido durante 48 anos no obscurantismo e concomitantemente o desenvolvimento do País ser dos mais baixos da Europa. Havia que manter as relações de produção no estado em que estavam, para não haver necessidade de alterar as relações sociais, e portanto perderem-se os privilégios anteriormente adquiridos.

Cultivava-se o mito do «bom camponês», ao qual restava «saber ler e escrever, para ser feliz...».

A cultura era restringida a elites localizadas em centros privilegiados, e desligados dos problemas reais. A literatura e as artes são mistificadas, ocultam a realidade no mistério. As condições sociais, os fenómenos reais e os conflitos do nosso tempo, são transpostos para uma irrealidade fora do tempo. Buscava-se a alienação e não a compreensão.

O regime implantado em 1926, fechou escolas e reduziu os tempos de escolaridade. Uma evolução do nível cultural das populações, implicaria fatalmente mudanças e não era isso que se pretendia.

Mas, era impossível manter um país indefinidamente no obscurantismo e por isso se deu o 25 de Abril: vitória de todo um povo, que queria efectivamente mudar. No entanto, esta foi a primeira batalha, e até talvez a mais fácil. Muitas outras haverá que travar até chegarmos ao fim a que nos propusemos: o estabelecimento da democracia em Portugal. E isso implica que todos participamos na batalha do esclarecimento e da informação. A cultura não se impõe: a cultura nasce do povo. É na batalha do dia a dia que se cria a cultura.

(do «Boletim das Forças Armadas»)

Campismo e Caravanismo armando tristes «barracas»

Não conhecem essa rutilante, luminar, incomparável revista — a única independente ao serviço do campismo nacional —, surgida em felicíssima hora, depois do «25 de Abril», para transformar este país num oásis, um paraíso, graças à sua excelsa qualidade de órgão altamente cultural, formativo, instrutivo, que se abstrai de quaisquer outros intuitos para somente, em verdadeiro sacerdócio (basta desfolhá-la, basta desfolhá-la!), ensinar aos portugueses muito do necessário para aprenderem a viver melhor?

Não conhecem? Mas deviam conhecer! Isso é imperdoável!

Não conhecem um douto profissional da Imprensa, sub-director da dita extraordinária publicação, manancial de puro idealismo, de puritanismo, vera genialidade do jornalismo indígena, «superstar» da intelectualidade nacional, autor consagrado da celeberrima e feliz entrevista ao Arquitecto Reinaldo Costa, quiçá passível de penetrar nos anais do jornalismo português, capaz de se candidatar ao mais

alto galardão que premeie a peça jornalística inédita e invulgar publicada no ano da graça de 1974?

Não conhecem? Mas, deviam conhecer!

É lamentavelmente imperdoável!

Imperdoável, indesculpável, muito mais agora quando buscamos lucidez, esclarecimento, cultura, pois desconhecemos dois bastiões de tamanha envergadura, capacitados de fazerem escolaridade entre nós, gente inculta, embutida, é grave.

Pois a revista do campismo (campismo, por coincidência a modalidade onde se armam barracas), em consequência da discordância da «DE» e minha, ante a tristemente infeliz entrevista, veio agora à estacada, pela pena do omni-intelectualizado sub-director e autor do escrito (perdão, peça de literatura), conforme este Jornal referiu no último número. A «DE» já lhe respondeu, agora, na parte que me atinge, aqui estou para (usando «armas» idênticas às que escolheu o articulista) dar resposta à sumidez, desculpem, sumi-

(Continua na pág. 8)

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTONIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOAO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

DAVID MATOS E SILVA DE OLIVEIRA LOPES, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Espinho.

FAÇO SABER, nos termos do artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 621-A/74, de 15 de Novembro, que a inscrição dos eleitores no recenseamento para a eleição da ASSEMBLEIA CONSTITUENTE, decorrerá de 9 a 29 de Dezembro do ano corrente.

São eleitores os cidadãos portugueses de ambos os sexos, maiores de 18 anos completados até 28 de Fevereiro de 1975, residentes no território eleitoral, incluindo os havidos também como cidadãos de outro Estado.

São também eleitores os residentes fora do território, desde que preencham algumas das condições seguintes:

1. Terem filhos menores de 18 anos ou cônjuge não separado judicialmente a residir habitualmente no território eleitoral ou dele haverem saído há menos de 5 anos, à data da publicação desta lei.
2. Residirem fora do território eleitoral em virtude de missão do Estado ou de serviço público reconhecido como tal pela autoridade competente ou serem conjuges ou filhos menores de quem se encontre nessa situação e com eles residam.
3. Encontrarem-se acidentalmente, no território eleitoral, na data da eleição, há mais de 6 meses.

Não são eleitores:

1. Os interditos por sentença com trânsito em julgado em virtude de anomalia psíquica, surdez-mudez ou cegueira.
2. Os notoriamente reconhecidos como dementes, ainda que não estejam interditos por sentença, quando internados em estabelecimento psiquiátrico ou como tais declarados por uma junta de dois médicos.
3. Os definitivamente condenados a pena de prisão por crime doloso, enquanto não hajam expiado a respectiva pena, e os que se encontrem judicialmente suspensos dos seus direitos políticos.
4. Os cidadãos a quem, por motivo de exercício de determinadas funções públicas ou participação em organizações antidemocráticas antes de 25 de Abril de 1974, o Governo Provisório estabelecer por Decreto-Lei não ser conferida a capacidade de eleitor.

Por interessar aos eleitores se transcrevem as seguintes disposições da nova Lei:

Artigo 16.º — (Universalidade do recenseamento) — Devem ser inscritos no recenseamento todos os cidadãos que possuam capacidade eleitoral.

Artigo 17.º — (Oficiosidade e obrigatoriedade) — 1. A inscrição dos eleitores no recenseamento será feita oficiosamente pelas comissões de recenseamento.

2. Sem prejuízo do disposto no número anterior, todo o eleitor deverá autenticar o verbete de inscrição a que se refere o artigo 31.º, apondo no mesmo a sua assinatura ou a impressão digital, conforme souber ou não, ler e escrever. O preenchimento dos verbetes de inscrição e a sua apresentação na comissão de recenseamento poderão ser feitos pelo próprio, por qualquer outro eleitor ou pelos partidos políticos.

3. Fora do território eleitoral, o recenseamento é voluntário.

Artigo 18.º — (Sanções pela não inscrição) — 1. Todo o eleitor tem o dever de verificar se está devidamente inscrito e, em caso de erro ou omissão, o de requerer a respectiva rectificação ou inscrição.

4. O eleitor que recusar o preenchimento, e a assinatura ou a aposição da impressão digital no verbete de inscrição, no intuito de impedir a sua inscrição no recenseamento eleitoral será punido com a pena prevista no n.º 1 do artigo 53.º.

Artigo 21.º — (Unicidade da inscrição) — Ninguém pode estar inscrito mais de uma vez no recenseamento.

Artigo 22.º — (Teor da inscrição) — 1. A inscrição dos eleitores deverá ser feita pelo seu nome completo, filiação, estado, data e local do nascimento, profissão e morada, com a indicação do lugar e da rua, número e andar do prédio.

2. Da inscrição constará também o número do Bilhete de Identidade, quando o eleitor o exhiba ou esse número possa ser apurado, ainda que haja expirado o seu prazo de validade.

Artigo 23.º — (Elaboração do recenseamento) — 1. O recenseamento será elaborado em cada freguesia por uma comissão de recenseamento.

2. Com as comissões de recenseamento poderão cooperar os partidos políticos.

Artigo 31.º — (Processo de inscrição) — Cada eleitor deverá ser inscrito nos cadernos do recenseamento mediante o preenchimento e a apresentação de um verbete individual de que constem os elementos referidos no artigo 22.º e no qual será transcrita a disposição do artigo 21.º

2. O verbete de inscrição deverá ser assinado pelo eleitor ou conter a sua impressão digital, se o eleitor não souber ler nem escrever.

3. Quando a apresentação do verbete for feita pelo próprio, deverá ser assinado também pelo membro da comissão de recenseamento que o receber.

4. Quando a apresentação do verbete não for feita pelo próprio, deverá o apresentante assiná-lo também, identificando-se pelo seu bilhete de identidade ou reconhecendo notarialmente a sua assinatura e dispensando-se a assinatura do eleitor a inscrever.

Artigo 43.º — (Presunção de capacidade eleitoral) — 1. A inscrição de um cidadão no caderno de recenseamento definitivo ou suplementar, implica a presunção de que ele tem capacidade eleitoral.

2. Esta presunção só poderá ser ilidida por documento que a mesa da assembleia de voto possuir ou lhe for apresentado, comprovativo de incapacidade nos termos do n.º 2 do artigo 39.º

Para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nas portas das igrejas, nos lugares públicos de maior afluência e publicados em dois jornais do concelho.

Paços do Concelho de Espinho, 25 de Novembro de 1974.

O Chefe da Secretaria,

David Matos e Silva de Oliveira Lopes

PORTA ABERTA

AVENIDA 24

Incrível pista para velocidades!!!

Lamentavelmente há uns tempos a esta parte, temos assistido a desmandos de vária ordem por parte dos automobilistas que atravessam Espinho, através da Avenida 24, ou seja Estrada Nacional n.º 109, a velocidades inconcebíveis, tanto para uma localidade que tem limites por força do Código da Estrada, como para uma artéria que serve obrigatoriamente para ser atravessada por milhares de alunos que diariamente se dirigem para as escolas de ensino secundário e liceu!

Não existem dúvidas que este problema paralelamente com o da via férrea causa a Espinho um sem número de problemas, pelo corte, quantas vezes prolongado, que fazem às ligações na cidade, se bem que este rodoviário seja de fácil solução.

Todos os veículos que transitam na Avenida 24, gosam de prioridade sobre os restantes que com esta cruzem. Por vezes as bichas são intermináveis na primeira artéria, sem que haja uma autoridade ou semáforo que de uns tantos em tantos minutos corte o tráfego, como

por exemplo na cidade da Póvoa de Varzim acontece.

Esta anomalia causa como é natural, grandes aborrecimentos em todos quantos visitam Espinho e não só a estes como aos naturais que precisam de trabalhar.

É necessário destacar-se um policiamento eficaz ou instalar-se semáforos reguladores do tráfego, especialmente nos cruzamentos da 23 e 33. Por outro lado, impõe-se desde já a colocação de sinais de trânsito nas estradas da cidade que regulem para uma velocidade não superior a 30 quilómetros/hora, instalando-se radar para detectar os transgressores, a exemplo do que aconteceu na Avenida da Boavista, no Porto, onde se davam casos idênticos aos que se passam na cidade de Espinho.

É necessário que a PSP e a secção de trânsito do concelho de Espinho acordem para a resolução de problemas de índole geral, que visam não só velar pela integridade física do semelhante, como um despotar para o progresso que todos desejam.

13.11.74.

«Picoias»



POR MAIS
FRATERNIDADE

CASAS PARA
OS POBRES

Datada de 27 do mês que hoje finda, recebemos uma carta de que extraímos os dois seguintes parágrafos:

«Serve a presente para dar o meu apoio à campanha que estão a levar a cabo para a angariação de fundos para a construção de casas para pobres.

Aproveito este ensejo para ofe-

recer um mobiliário completo para a primeira casa que se construir.»

Avaliza estas palavras com a sua assinatura, o sr. Abílio Horta Brioso, proprietário da fábrica de mobílias HORVA.

Mais um contributo, pois, para que a campanha siga em frente, acumulando materiais para a sua concretização.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Certifico, para efeito de publicação, que por escritura de 22 deste mês de Novembro, lavrada neste cartório e exarada de folhas 24 a 25 do livro de notas para escrituras diversas D-Número 8, foi celebrada uma escritura de «habilitação de herdeiros» por óbito de DOMINGOS DE SOUSA FERREIRA, residente que foi nesta cidade de Espinho, na Rua Vinte, número 735, natural da freguesia de Palmeira, concelho de Santo Tirso, casado em comunhão geral de bens com MARIA ARMINDA ASSIS FERREIRA, natural da freguesia e concelho de Ovar, residente também nesta cidade de Espinho, na dita Rua Vinte, número 735, hoje dele viúva, falecido aos oito deste mês.

Mais certifico que na operada escritura foi declarada como única herdeira do dito falecido sua filha legítima ALDA ASSIS FERREIRA FAIAO, que também usa e é conhecida por ALDA ASSIS FERREIRA, casada em comunhão geral de bens com Manuel de Sousa Morais Faião, natural da freguesia de Santo Adrião, concelho de Vila Nova de Famalicão, residente na Rua de Matola, 25, Olivais Sul, Lisboa.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 26 de Novembro de 1974.

O Ajudante do Cartório,

José dos Santos Sil

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 67/74

Artur Pereira Bártolo, vogal no impedimento do Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público, que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de ontem, deliberou abrir concurso, pelo prazo de 20 dias, para entrega de propostas nos termos das condições existentes na Secretaria Municipal e que se encontram patentes todos os dias úteis, dentro das horas de expediente para exploração do Restaurante Bar da Piscina Solário Atlântico no período de 1 de Janeiro de 1975 a 31 de Dezembro de 1976.

As propostas serão entregues até às 17,30 horas do dia 12 do próximo mês de Dezembro, para apreciação na primeira reunião ordinária que se seguir.

É, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado no Jornal «Defesa de Espinho».

Espinho e Paços do Concelho, 22 de Novembro de 1974.

O Vogal, no impedimento do Presidente,

Artur Pereira Bártolo

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

CARROS DE PRAÇA

Há quem diga que nada adianta chover no molhado mas também há muitíssima boa gente que acredita que água mole em pedra dura tanto dá até fura. Partidários deste último aforismo voltamos à carga no assunto dos carros de praça em Espinho. Impõe-se, da parte de quem de direito, o exame de todos os inconvenientes que temos ressaltado e que não mostram vislumbre de desaparecer. Impõe-se inclusivamente encarar a hipótese de criar, em outro ou outros locais, novas praças de carros de aluguer, para que a população de Espinho ou os seus visitantes tenham ao seu dispor um serviço eficiente, constante e bem educado.

SEDE DO P.P.D. EM ESPINHO

A delegação do Partido Popular Democrático em Espinho acaba de montar a sua sede no edifício da antiga Pensão Particular, no ângulo das Ruas 4 e 21. As suas instalações funcionarão durante toda a semana, excepto aos domingos, sendo o seu horário das 21 às 23 horas de segunda a sexta, e das 15 às 18 horas aos sábados.

TRÂNSITO CIDADINO

A rua 24, que é simultaneamente uma artéria da cidade e um troço da Estrada Nacional 109, que liga (muito deficientemente, refira-se de passagem), as cidades de Aveiro e Porto, dá prioridade absoluta ao seu trânsito em relação ao proveniente de todas as outras vias que com ela cruzam. Isto tem dado origem a muitos desmandos dos automobilistas e merecido os mais vivos e pertinentes reparos. Inebriados pela sua posição superior de prioridade, os condutores esquecem estar atravessando uma localidade de muito movimento, mormente de estudantes dos vários estabelecimentos de ensino. Numa tentativa de evitar os perigos constantes que o trânsito automóvel oferece, a Câmara já propôs à Direcção de Estradas que a velocidade máxima instantânea naquela artéria seja limitada a 40 quilómetros horários, devida e claramente sinalizada. Já agora bom seria que voltasse a ser pintada no leito da mesma rua a faixa que assinala o seu centro longitudinal.

Continuando a referir-nos à mesma via rodoviária, assinalamos que no lado poente do seu entroncamento com a rua 62 foi colocado um sinal de paragem obrigatório (STOP) em substituição do simples sinal de prioridade que ali existia. Frequentemente temos visto desrespeitar, pura e simplesmente, as regras anunciadas pelas placas e consideramos que seria também necessário fazer pintar, no próprio leito da rua, a sinalização adequada, que vemos adoptada em muitos locais da rede de estradas portuguesas.

Embora a inconsciência e o desrespeito pelas regras de trânsito seja característica de muitos condutores, uma sinalização clara e intensiva serve para ajudar à chamada de atenção aos distraídos, que também os há em grande quantidade.

Convite

Criado por despacho dos Ministérios da Administração Interna e do Equipamento Social e do Ambiente de 31 de Julho de 1974 o «Serviço de Apoio Ambulatório Local» S.A.A.L. destina-se a «apoiar, através das câmaras municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborar na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes e, eventualmente, monetários».

A fim de esclarecer a população sobre os seus objectivos o S.A.A.L. promove, no próximo domingo, dia 1 de Dezembro pelas 11 horas da manhã, uma sessão de esclarecimento, na Piscina Solário Atlântico, com a seguinte ordem do dia.

- Esclarecimento geral sobre os objectivos do S.A.A.L.
- Estudar o caso particular do alojamento dos ciganos.

A Comissão Administrativa convida, deste modo, a população, particularmente, os mais carecidos de alojamento a participar nesta sessão.

Espinho, 27 de Novembro de 1974.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho

Dois assaltos

Pela calada da noite, em pleno centro da cidade, houve dois assaltos a estabelecimentos cujas monturas foram despejadas de objectos expostos como aliciente aos clientes. O primeiro, na madrugada de sexta-feira, 22, foi na rua 62, na Lourinha Rádio. O segundo, na madrugada de domingo, 24, foi na rua 19, na relojoaria «OLMA», que pela segunda vez é vítima de semelhante delito. Em ambos os casos os gatunos se transportaram em automóveis e agiram com rapidez e sem qualquer obstáculo que pudesse opôr-se-lhe.

Num como no outro caso, os carros utilizados teriam sido roubados, como é vulgar nestas actividades ilícitas, e no segundo sabe-se que os autores da rapina eram dois jovens, porque houve quem ainda pudesse vê-los e anotar a matrícula do automóvel.

Estes casos não são os primeiros (e infelizmente não serão os últimos) que sucedem em Espinho e nas suas mais centrais artérias. Outros houve de há anos para cá e por

isso não pode argumentar-se que estes assaltos são produto pós-25-de-Abril como alguns «bem-intencionados» tentam fazer crer. Por isso, o que mais choca é a falta de policiamento que se verifica na nossa urbe especialmente durante a noite. É natural que as forças policiais tenham dificuldades em garantir uma vigilância cem por cento eficiente e permanente. Também é sabido que não pode exigir-se um agente policial para cada estabelecimento nem para cada rua. Mas é imperioso que o policiamento se intensifique para que os ratoneiros se convençam que Espinho não é campo livre. Se a Secção local da P. S. P. não tem capacidade para, por auto-iniciativa, tentar resolver as deficiências, há que buscar, junto de quem de direito, uma solução, fazendo sentir claramente as necessidades, sejam elas de pessoal ou de outra qualquer ordem. Os cidadãos têm direito a sentir-se mais sossegados por confiarem numa vigilância bem esquemática e permanente, que previna em vez de procurar remediar.

DO HOSPITAL

Movimento de 19.11.74 a 26.11.74

Internamentos gerais	41
Exames radiográficos	132
Crianças nascidas	16

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	3
Obstetrícia	2
Ortopedia	6
Cirurgia geral	9

Serviço de Urgência

Homens	216
Mulheres	186

Internados entre outros

António Domingos Pereira, para medicina, de Espinho;
 Maria Celeste Santos Camarinha, para obstetrícia, de Espinho;
 Maria de Lurdes Rocha Gomes Pereira Neves, para obstetrícia, de Ovar.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 65/74

ARTUR PEREIRA BARTOLO, VOGAL DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ESPINHO, NO IMPEDIMENTO DO PRESIDENTE:

Faço público, em cumprimento da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de ontem, que as reuniões ordinárias deste Município a partir de 1 de Dezembro próximo, passam a ter lugar nos primeiros sábados de cada quinzena, pelas 10 horas, na Sala das Reuniões do Edifício dos Paços do Concelho.

E, para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

ESPINHO E PAÇOS DO CONCELHO, 23 de Novembro de 1974.

O Vogal, no impedimento do Presidente, Artur Pereira Bartolo

Aluga-se

ESTABELECIMENTO PARA
 COMÉRCIO NA RUA 24 N.º 1001
 E 1011. TELEFONE N.º 921418

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

3.º TURNO

Hoje, sábado, 30 — FARMÁCIA PALVA, rua 19, n.º 319 — Telefone 920250
 Amanhã, domingo, 1 — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320
 Segunda-feira 2 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092
 Terça-feira, 3 — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352
 Quarta-feira, 4 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331
 Quinta-feira, 5 — FARMÁCIA PALVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250
 Sexta-feira, 6 — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920092.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 30 — UMA ESPADA PARA UM IMPERIO, com Lang Jeffries e Mila Stanic — 13 anos.

Amanhã, domingo, 1 — O MACHAO, com Bouvrlil e Suzanne Certain;

Quarta-feira, 4 — A revista A PAI ADAO — 2 sessões, às 20,30 e 23 horas.

Quinta-feira, 5 — CONTINUARAM A CHAMAR-LHES OS DOIS PILOTOS MAIS MALUCOS DO MUNDO, com Franco Franchi e Maria Merlini.

Sexta-feira, 6 — GET CARTER, com Michael Caine e Britt Ekland.

CASINO

Hoje, sábado, 30 — SERPENTE COM PELE DE MULHER, com Florinda Bolkan e Stanley Baker — 18 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

José Luís, filho de Carlos Alberto Silva e Castro e de D. Inês da Silva Neves Seabra;

Susana Alexandra, filha de Adelino Oliveira de Sá e de D. Aurora da Silva Sousa;

David André, filho de António Rodrigues da Silva Oliveira e de D. Maria Inês Barbosa Lavos Oliveira;

Paulo Valdemar, filho de Aníbal Artur Pereira de Bessa e de D. Palmira Gomes Teixeira;

Paulo Alexandre, filho de Manuel Alves Monteiro da Silva e de D. Albertina da Conceição Domingues Pereira da Silva;

Liliana Amélia, filha de Raúl Fernando Dias da Silva e de D. Maria da Conceição Gomes de Sá;

Márcia Mónica, filha de António Araújo Neves e de D. Maria de Lurdes da Rocha Gomes Pereira Neves.

FALECIMENTOS

EM ANTA:

Francisco Ferreira das Neves, de 72 anos, casado com D. Ermelinda da Conceição.

EM SILVALDE:

Afonso da Silva, de 76 anos, casado com Olívia Pinho da Silva.

Casa

Pretendo alugar em Espinho ou arredores com 3 quartos, cozinha, banho e garagem

Carta à Administração n.º 68

Vende-se

TALHÃO TERRENO
 Zona Industrial
 Estrada do Golfe ESPINHO
 Falar ao Telefone 921422

A "Defesa" precisa de mais assinantes

NOTÍCIAS DA CÂMARA

(Continuação da Pág. 1)

corrente, se deslocou a Espinho a fim de estudar, no local, as possibilidades de auto-construção por parte de pessoas economicamente débeis. Ficou em princípio marcada uma sessão de esclarecimento na Piscina, amanhã, dia 1.

Fundo de Fomento de Habitação

Entramos em contacto com este departamento e a nosso pedido deslocou-se a Espinho o Exmo. Sr. Eng. Fortuna Pereira que em longa troca de impressões nos sugeriu propostas a apresentar e que neste momento estão a ser motivo de estudo por parte da Repartição Técnica. Logo que tenhamos elementos concretos informaremos.

Centro de Assistência, Conferência de São Vicente de Paulo e Defesa de Espinho:

Têm decorrido, no edifício da Câmara, reuniões com estas entidades, no melhor espírito de colaboração, afim de chegar a uma plataforma que permita o aproveitamento do dinheiro em seu poder, para construções económicas. Estamos esperançados em conseguir a participação do Estado para este objectivo. Daqui lançamos um apelo a toda a população no sentido de contribuir para tão meritória Obra.

Bolsas de Habitação:

Após reunião com os empresários de construção, onde foi apreciada a situação do sector da construção, neste momento, enviamos um relatório a S. Exa. o Governador Civil de forma a habilitá-lo com os elementos pedidos, a fim de defender a posição de Espinho na distribuição de 1,2 milhões de contos pelo Ministério de Equipamento Social e Ambiente e que se destinam à compra pela Câmara de Edifícios com determinadas características.

Saneamento e poluição

Oficiamos por várias vezes à Direcção Hidráulica do Douro pedindo-lhe para impedir a poluição a que estão sujeitos os ribeiros: «Mocho», «Silvalde» e «Paramos». Foi-nos respondido que está em laboração um cadastro das fontes poluidoras e vão ser tomadas medidas para impedir o lançamento de afluentes nestas linhas de água.

Tratamento de esgotos:

Oficiamos à Direcção Geral de Saneamento pedindo informações sobre: percentagem de participação, fontes de financiamento e outras informações que pudessem ser úteis à construção duma Estação de Tratamento de Esgotos que tão urgente nos parece para evitar a poluição da nossa Praia.

Monte Lírio:

Os Serviços Municipalizados foram encarregados de proceder o mais rápido possível à extensão do saneamento a esta zona.

Educação

Solicitamos à Direcção Geral das Construções Escolares uma participação para a reparação das Escolas Primárias (Plano dos Centenários) que nos foi concedida — segundo amável comunicação telefónica do Exmo. Sr. Eng. Monteiro do Amaral — no montante de 170 contos. Embora pequena esta importância vamos procurar utilizá-la o melhor possível.

Pedimos também à mesma Direcção Geral a reparação das escolas não abrangidas no Plano dos Centenários — Escola da rua 23, Escola da Feira e Escola do Souto de Anta. Para este fim deslocou-se a Espinho a Exma. Sra. Eng. Joana Miranda que manifestou a opinião de que as Escolas da rua 23 e Escola do Souto não eram recuperáveis e deviam ser substituídas. A Câmara, em colaboração com a Direcção Geral, vai estudar a melhor maneira de substituir, com a urgência possível em boas condições, as Escolas agora dadas como incapazes.

Está também em curso o processo para a obtenção dos terrenos destinados à construção de duas novas Escolas, uma no lugar da Quinta e outra ainda na freguesia de Anta.

Liceu

Foi posta a concurso a obra de arruamentos do novo Liceu para a qual esta Câmara pediu a transferência da participação anteriormente concedida para a construção duma «Taça de Água», pedido este que consideramos justificado dada a prioridade do bom funcionamento da zona do Liceu.

(Continua)

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS FÚNEBRE FAMILIAR DE S. FRANCISCO DE ASSIS DE ANTA

Assembleia Geral Ordinária

Convoco os senhores associados a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sala das sessões do edifício social, sito no lugar e freguesia de Anta, no dia 8 de Dezembro, pelas 10 horas, a fim de se tratar da seguinte

ORDEM DO DIA

- 1.º Votação do orçamento das despesas ordinárias de administração e cobrança para o ano de 1975;
- 2.º Eleição dos corpos gerentes para o próximo ano de 1975.

Se a Assembleia não puder funcionar naquele dia por falta de comparência de metade dos sócios, funciona com qualquer número, no domingo seguinte, dia 15, à hora e local supracitados.

A sessão será aberta uma hora depois da marcada.

Anta e secretaria, 26 de Novembro de 1974.

O Presidente da Assembleia Geral
Arlindo Domingues da Rocha

O recenseamento geral dos sócios eleitores está patente a exame, na secretaria, das 10 às 17 horas, todos os dias úteis.

O Secretário da Direcção
Joaquim de Oliveira e Sousa

GAZETILHA

MULHERES DE ONTEM E DE HOJE

*Ideias curtas, cabeleiras longas...
E quanto ao psique, pouco mais de nada;
Belas ou não — mas sempre songamongas;
Várias de condição; dissimuladas...*

*Há um século, assim era a Mulher,
Nos tempos da Madame Bovary;
E em retratos que dela fez Flaubert,
Ficou-se, simplesmente, por ali.*

*Superior, o Homem se julgava;
Valia, em seu conceito, muito mais.
Mas foi correndo o Tempo — nada o trava:
Direitos e deveres são iguais!*

*Em cabelos, iguais os comprimentos;
Completa semelhança no trajar;
Nas funções sociais e nos proventos
Os dois sexos caminham hoje a par.*

*Nem sabe uma pessoa a quantas anda,
Na sociedade destes nossos dias;
Talvez seja inda o Homem quem mais manda,
Na ambiguidade das supremacias...*

*Mas às vezes, não é! Quando «elas» são
Produtos «extra», d'alta qualidade,
De excepcional beleza e distinção —
Pois... mandam que se fartam, na verdade!*

*Mas nunca enverguem calças, indo à rua
À noite e de cigarro, a espairecer,
Que aí — esse «mandar» já não actua:
Ninguém «topa»... se é homem ou mulher!*

Alberto Barbosa (BEKA)

VIDA REGIONAL

Anta

OS NOSSOS «BURACOS»

Um dos apêndices que trazemos ao nascer e que melhor parece traduzir o grau da nossa arrogância é o nariz. E a provar o que digo basta recordar frases por demais ouvidas e ditas, tais como: aquele fulano é senhor do seu nariz; aquela cicrana meteu o nariz onde não era chamada...; arrume-se senão esmurro-lhe o nariz; e se vocemecê metesse o nariz no... etc.

Todas estas situações denotam intenção concreta de humilhar o dito. Verifica-se portanto que o nariz é decididamente uma saliência facial que tem jus à observação anotada. De notar entretanto que, salvo raríssimas excepções, todos nós o podemos dignificar arrogantemente e com títulos de propriedade, quando sacamos do nosso lenço e o aconchegamos seja em que circunstância seja. Nesse momento ele é rei e senhor do meio onde está. Fora disso, salvo ainda raríssimas excepções, não é de aconselhar a sua intrusão, pois os sarcasmos derrotam a sua pretendida arrogância.

Pondo de lado a questão decorativa e buscando em seu socorro o papel que desempenha na nossa vida como analista olfativo, é de vital importância salientar que sem a sua competente ajuda não seria desastroso.

A confirmar o que digo recorde que ante-ontem o meu apêndice não deixou passar, sem identificar primeiro, o cheiro que empestava a estrada, que mais parece um «caminho», por onde passei. E logo por azar, à noite, fui abordado por um industrial da nossa freguesia, chamando-me a atenção para igual facto, defronte da sua residência, onde o odor, de igual qualidade, investia pelas suas portas dentro sem qualquer cerimónia nem convite.

O primeiro destes casos relaciona-se com a existência na via que, passando defronte do Luso-Celolóide vem acabar na Quinta-Anta, de confrangedora investida de água pestilenta pela valeta do lado direito de quem vem para Anta.

O meu olfato catalogou a pestilência como sendo de água de fossa ou fossas. Era ao anoitecer. Não chovia o que favorecia a dispersão do cheiro nauseante. Neste momento não será tão incómodo por haver chuvas que lavam, conduzindo para mais longe esta carga de hábitos inconcebíveis. Entretanto, nessa ocasião, aliado ao cheiro, viam-se na valeta ninhos negros enrodilhados nas ervas, denunciando a existência de oásis soberbos para a cultura e desenvolvimento de moscas, mos-

quitos, melgas e quejandos. Estes exércitos gratuitos entram pelas portas de todas as pessoas, picando aqui, pousando acolá sem possibilidade de controlo. Parece que é continua esta demonstração de autêntico abuso da higiene pública.

O segundo situa-se no caminho que liga a Estrada de Anta à Rua 19, sendo a primeira via à direita de quem desce para Espinho, depois do Souto de Anta, (continuam as dificuldades em localizar, por falta de esquema toponímico). Também existe aqui idêntico problema sanitário, no dizer do dito industrial. Pois tive ocasião de comprovar o que me foi dito, no Domingo da Festa do nosso Padroeiro S. Martinho. Não tive o mau cheiro para me servir de aperitivo, porque tinha chovido, mas notei a valeta aberta de fresco, e lá estavam os ninhos negros, e correndo por ela, água azulada-branca opaca, denunciando ter sido ou estar a ser despejada água de lavar roupa.

Não se poderão atirar muitas pedras a quem assim procede, porque dirão logo que acontece o mesmo nas ruas da nossa freguesia por falta de saneamento. Assim é. Já a água de sabão não devia aparecer na rua, mas será o menor mal. Agora água de fossas não. Tenhamos um pouco de senso higiénico e procuremos resolver o nosso problema enquanto o saneamento não chega a casa de cada um. Colaboremos com a saúde pública.

30.11.74

ERRO

- ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES
- ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉC. XVII

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667—Tel. 921325—Espinho

ECOS DO NOSSO TEMPO

O enterro do fascismo e o «Depoimento»

numa assembleia geral do Sindicato das Artes Gráficas do Distrito de Lisboa foi deliberado «exigir a proibição imediata da publicação do livro «Depoimento» e alertar o MFA, a Junta de Salvação Nacional, o Governo Provisório e o Ministério da Comunicação Social para que utilizem o poder de que dispõem no sentido de não permitir a publicação desse nefasto livro, consubstanciando deste modo a vontade da esmagadora maioria dos trabalhadores portugueses».

No que respeita à obra de Marcello Caetano, não é admissível que os responsáveis pela edição viessem a ser punidos por agressão ideológica já que duas das mais altas instâncias do país — o Presidente da República e o Governo Provisório lhe deram luz verde.

Resulta de tudo isto que o Sindicato das Artes Gráficas do Distrito de Lisboa não tem constitucionalmente o direito de se opor à publicação do «Depoimento».

Mas tê-lo-á moralmente ou politicamente? Provocará a divulgação do livro um «atrazo no processo de democratização em curso», como se afirma no comunicado atrás parcialmente transcrito?

Não o cremos. Prova disso é o facto de termos dado largo relevo à reprodução de diversos trechos do livro e de, noutro número do EX-PRESSO, termos procedido à sua análise crítica.

É que a simples leitura da obra reduz às devidas proporções o seu autor e o que ele representa. Ao procurar defender um Governo de quase seis anos, o «Depoimento» acaba por desmitificar completamente um regime e a sua época. Ao tentar fazer a sua defesa, Marcello Caetano mais não consegue do que condenar-se.

Sendo assim — e quem já leu o livro, a começar pelo general Costa Gomes, — compreendeu bem que o é — não se entende, no campo moral e político, a atitude dos trabalhadores das artes gráficas do distrito de Lisboa presentes na assembleia geral do seu Sindicato, na passada 2.ª-feira.

Se legalmente tal atitude não é aceitável e moral e politicamente não é compreensível, resta saber se foi tomada por erro ou ingenuidade ou se corresponde a intenções não detectáveis no comunicado que a materializou.

De qualquer modo, convém não esquecer que não é escondendo o cadáver que se enterra o fascismo. Como convém lembrar que não é desautorizando quem governa que se constroi a democracia.

(Do «Expresso»)

O livro do sr. Marcello Caetano

Desde que me conheço que sou contra a censura, contra todas as censuras. Porém, consentir, sem réplica imediata, que o adversário nos ataque à falsa fé não deixa de oferecer riscos. Corramos sabendo entretanto que a liberdade defende-se, não se vende nem se dá de mão beijada ao inimigo cruel e desleal, àquele que nenhuma liberdade pouparia, se os seus laçaios, mascarados de patriotas, fossem insidiosamente ganhando posições, alcançando-se em poleiros pintados de verde e encarnado.

Ora a publicação do «Depoimento» do prof. Marcello Caetano em Portugal, sendo embora uma afirmação da nossa liberdade, apresenta alguns perigos, contra os quais é necessário desde já advertir os discretos e os incautos. Obviamente, o livro é medíocre, como medíocre foi sempre, na sua política, nos seus lamentáveis discursos, nas suas primárias (e tão farisai-cas) «conversas em família» o ex-presidente do conselho do regime fascista deposto, serventário, cúmplice e beneficiário das negociatas das multinacionais, dos monopólios industriais e dos grandes agrários portugueses, humilde e diligente servidor do imperialismo internacional. Também verdade que Marcello Caetano, destituído da menor sombra de gosto literário, confrangedoramente inculto em matéria de história e sócio-política, até escreve com erros de sintaxe, sem aqueles boleados conceptuais e frades-cos que eram o estilo do fascista Salazar. O sr. Caetano nem aí chega. Chefe supremo, em última análise, como o seu antecessor, dos torcionários pidescos e das forças paramilitares que flagelavam e oprimiam o Povo Português, sequer se lhe equipara na construção da frase. Todavia, acontece que o seu discurso charro e manhoso, salpicado das mais descaradas mentiras, defendendo os pontos de vista mais reacçãoários em tom meloso, indignadamente «ofendido», pode, infelizmente pode, num País como o nosso, ainda tão despolidizado e subdesenvolvido (graças precisamente ao desprezo que lhe votavam Caetano e os seus émulos), aliciar e confundir a massa considerável de indecisos, de perplexos, que ontem, sujeitos à opressão e à gritaria fascista, não ousavam pôr em dúvida as «verdades oficiais».

Importa, pois, acautelar esses cidadãos, que estão agora a aprender o bê-à-bá da política, para, em eleições livres, livremente optarem numa perspectiva democrática, contra o regresso ao passado de beatífica estupidez e resignação a que o «Depoimento» do sr. Caetano os convida.

Se o lerem, que o leiam com precavida atenção.

(Urbano Tavares Rodrigues, no «D. L.»)



DINHEIRO AFERROLHADO É MAL EMPREGADO!

Deixe-o
participar
connosco
no progresso
comum.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



O máximo em qualidade!
Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *
GIRASSOL
RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Restaurante do Hotel MAR AZUL

ABRIU AO PÚBLICO

Serviço à lista, Almoços e Jantares

Avenida Oito ■ ESPINHO ■ Telefone, 920824

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt. — Tel. 402219

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

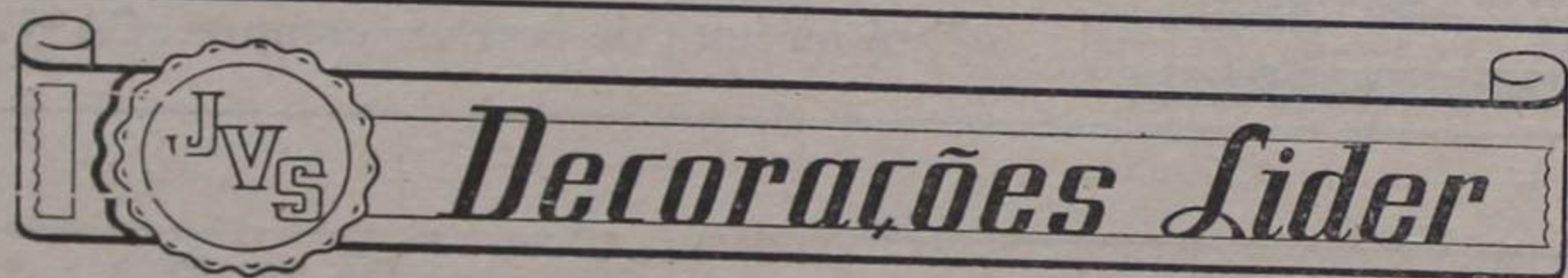
LUSO-CELULOIDE

de
HENRIQUES & IRMÃO, L.^{DA}

APARTADO 22
TELEFONE 922193

ESPINHO

MARMORES E GRANITOS
MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
de
VITORINO LOPES DA CRUZ
TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO
Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561



Decorações Líder
TAPETES — ALCATIFAS
CARPETES — PAPÉIS DE PAREDE
DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

GENTIL GOMES DA COSTA
PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA
Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 - 311991 - 381032
PORTO



GRANDE
CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

MUSICA DE BAILE

- PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

VARIEDADES

- Ballet — BORIS BOURER
• MARIA MORENO — Show (Holandez)
— JOFERK (Ilusionista Português)
— LUZIA (Cançonetista Portuguesa)

SALÃO DE FESTAS

Sábado, 30 de Novembro de 1974 — Às 22 horas

FESTA DE ENCERRAMENTO

Todas as atracções mais

— **PACO BANDEIRA** —

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469
Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA
BOSCH — KREFFT — ARISTON
RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS CANALIZAÇÕES
CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00
CASSETES COM MÚSICA 60\$00
TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS • ALCATIFAS
PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da
ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

SNACK BAR **S. PEDRO**

RESIDENCIAL **PORTO** Aberto toda a noite com cozinha permanente

1.ª Classe
Telefones 920294 - 920391 - Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

Leia e assine a "DEFESA"



desporto



O desporto é para todos

Fazíamos uma ideia errada acerca da maneira como a Académica de Espinho proporcionava o hóquei em patins às classes juvenis.

Pensávamos que só aqueles miúdos com possibilidades financeiras para comprar os patins é que se inscreviam nas escolas que o Vladimiro Brandão orienta com reconhecida capacidade.

Valeu aquela reunião que o Sporting de Espinho organizou, aquando do seu 60.º Aniversário, onde se debateram temas relacionados com o desporto em geral para se revalidarem ideias.

Uma questão que então se colocou, talvez até pouco simpática, dava a entender que a prática do hóquei em patins em Espinho era privilégio de uma minoria. Mas a presença do presidente da direcção da A. A. E. foi proveitosa. Com prontidão e justificadamente esclareceu que o seu clube não é para elites. E também a presença de um seccionista daquele clube acabou por tirar dúvidas aos circunstantes menos esclarecidos.

A sempre jovem Académica de Espinho é uma colectividade aberta a toda a juventude e a secção de patinagem garante esse lema clubista. É por isso que todos lá podem patinar, pois o material necessário é o clube que o põe à disposição dos interessados, fabricando até os próprios patins, numa atitude que entendemos destacar e que, afinal, confirma quanto na A. A. E. se continua a interpretar o Desporto na sua verdadeira e sempre educativa função.

A. A. G.

VOLEIBOL

CAMPEONATO REGIONAL DE SENIORES

1.ª DIVISÃO

F. C. PORTO, 3-S. C. ESPINHO, 2

SCE — Cadete, Luis, Padrão, Resende, Tomaz, Rolando, Fernando, Salvador, Chico e Júlio.

Jogo emotivo e equilibrado, sendo a equipa Espinhense desfavorecida com a arbitragem do sr. António Capela, muito caseiro.

2.ª DIVISÃO

A. A. ESPINHO, 0-AVINTES, 3

AAE — Correia, Curral, Beto, Melo, Fausto Aragão, Adriano e Monteiro.

Vitória certa do grupo de Avintes perante os locais embora estes tenham oferecido boa réplica, principalmente nas duas últimas partidas.

CAMPEONATO REGIONAL FEMININO

2.ª DIVISÃO

A. A. ESPINHO, 3-FIAES, 0

AAE — Estela, Lurdes, Paula, Cristina, Dina, Nanda, Fátima, Filomena e Amélia.

Vitória indescutível das Espinhenses, perante um adversário muito frágil e com pouca experiência.

S. MAMEDE, 1-S. C. ESPINHO, 3

SCE — M. José, Tibéria, Amélia, Fátima, Teresa, Matias, Alice, Clara, Isabel e Lúcia.

Jogo equilibrado com vitória certa das meninas do Sporting. Com esta vitória sagraram-se campeãs da 2.ª Divisão Regional.

CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

S. C. ESPINHO, 3-GULPILHARES, 0

SCE — Azevedo, Jorge, Teixeira, Soares, Vingado, Paulino e Paula.

Vitória fácil perante um adversário demasiado fraco.

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENINS

S. C. ESPINHO, 3-S. MAMEDE, 0

SCE — Vieira, Rosas, Luis, David, Tavares, Rogélio, Cascais, Marinho, Miranda, Pinheiro e Ricardo.

Jogo agradável de seguir entre duas equipas muito iguais.

N. ALVARES, 0-A. A. ESPINHO, 3

AAE — Paupério, Pinto, Lacerda, Serrano, Paulino, Baptista, Antunes, Carlos Alves, Fidalgo e Chico.

Vitória natural, perante um adversário fraco tecnicamente e mal preparado.

TORNEIO DE INICIADOS DA AAE

F. C. PORTO, 0-A. A. ESPINHO (B), 3

AAE — Rogério, Fidalgo, Maltez, Lacerda, Iglésias, Rui Couto, Duarte, Jorge e Peixoto.

A turma da Académica não teve dificuldades de vencer o seu opositor, continuando assim, sem conhecer o sabor da derrota neste torneio.

S. C. ESPINHO, 3-FIAES, 1

SCE — Néné, Artur, Martinho, Plinho, Leandro e Corte Real.

Jogo muito equilibrado com vitória certa da equipa dos tigres.

A. A. ESPINHO (A), 0-ESMORIZ, 3

AAE — Sárria, Ricardo, Tony, Valente, Acácio, Ribeiro, Orlando, Neto e Pais.

Vitória fácil dos miúdos da Barrinha, perante o grupo local, que é constituído por atletas demasiado jovens.

TASC

CARTAZ

VOLEIBOL

30-11-74

JUVENIS

18,30 — A. A. ESPINHO-S. C. ESPINHO — No Pavilhão da AAE.

SENIORES

22,00 — S. C. ESPINHO-LEIXOES — No Pavilhão do SCE.

INICIADOS

17,00 — S. C. ESPINHO-A. A. ESPINHO (A) — No Pavilhão do SCE.

1-12-1974

11,00 — A. A. ESPINHO (B)-CARVALHOS — No Pavilhão da AAE.

6-12-1974

JUVENIS

21,30 — S. C. ESPINHO-ESMORIZ — No Pavilhão do SCE.

CLASSIFICAÇÕES FINAIS

TORNEIO INICIO DE JUNIORES

SERIE A

1.º ESMORIZ — 4 jogos — 8 pontos
3.º S. C. ESPINHO — 4 Jogos — 6 pontos.

Vencedor final — ESMORIZ.

TORNEIO INICIO DE JUVENIS

1.º A. A. ESPINHO — 5 jogos — 9 pontos;
4.º S. C. ESPINHO — 5 jogos — 8 pontos.

Vencedor final — MADALENA.

CAMPEONATO REGIONAL FEMININO

2.ª DIVISÃO

1.º S. C. Espinho — 6 jogos — 12 pontos.
3.º A. A. Espinho — 6 jogos — 8 pontos.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Traduções

Fazem-se traduções de Francês-Português e Português-Francês

Falar na Rua 9, n.º 309-r/c
Telefone, 921259

FUTEBOL

Nacional da 1.ª Divisão

G. Oriental, 0 — S. C. de Espinho, 0

Campo: Eng.º Carlos Salema, Marvila (Lisboa)

C. O. L.: Azevedo; Armando, Baltasar, Américo e Almeida; José Carlos (Cap.), Faustino e Quim; Armando Luís, Sapinho e Monteiro.

ESPINHO: Aníbal; Ribeirinho, Simplício (cap), Washington e Pinto Ribeiro; João Carlos, Ferreira da Costa e Bené; Júlio, Augusto e Telé.

Árbitro: César Correia (C. D. Faro)

Substituições: Na equipa do Oriental, aos 55 m, entrou Artur e saiu Sapinho e aos 68 m, Monteiro foi substituído por Luciano. No S. C. Espinho, também aos 68 m, saiu Ferreira da Costa e entrou Peres, e aos 73 entrou Meireles para o lugar de Júlio.

A contar para aquele campeonato que já se convencionou chamar «dos pequenos», o ponto conquistado pelo S. C. Espinho tem um duplo valor. Primeiro porque é um ponto conquistado no campo de uma das equipas que anda cá por baixo na tabela classificativa. Segundo, porque os espinhenses não deixaram de pontuar onde outras equipas da sua igualha também foram buscar pontos. Recorde-se que o Oriental ainda não ganhou um único jogo em Marvila.

Note-se ainda que a equipa do S. C. Espinho se apresentou perante os orientistas desfalcada de três jogadores dos considerados efectivos: Gonçalves, Bernardo da Velha e Valdemar. Trata-se de um trio que se tem habituado a jogar em conjunto e cuja ausência poderia ter influência no comportamento da defensiva espinhense.

Segundo a crítica que assistiu ao jogo, o espectáculo-futebol foi muito pobre e a ausência de golos mais contribuiu para a modéstia do desafio. Aliás era um facto que se esperava, pois, quer o ataque lisboeta quer o espinhense, são dos menos positivos do campeonato. Fora, a equipa do S. C. Espinho apenas marcou um golo e no passado domingo a dificuldade voltou a confirmar-se. Será que a equipa só está a rotinar num sistema demasiado defensivo, faltando aos dois pontas-de-lança apoio para criarem mais espaços para os remates?

Chamamos a atenção para o facto

porque nos dá a ideia que o jogo contra o Oriental até podia ter dado um melhor resultado, atendendo a que o S. C. Espinho foi o único clube que, até agora, não marcou golos em Marvila.

Mas será justo que se estejam a fazer estas observações? Não será melhor um ponto na mão do que dois a voar?

Pois se atendermos a determinados factores que afectam a equipa espinhense acabamos por festejar o ponto conquistado fora. O que não se deve é perder o sentido das realidades e daí o se referirem determinados números que, acreditamos, até já nem devem ter fugido à apreciação dos responsáveis pela equipa.

Está percorrido o primeiro terço do Nacional e a equipa do S. C. Espinho ocupa um lugar do meio da tabela, apenas com um ponto negativo, pois dos três que cedeu em casa já foi buscar dois fora. Há outras equipas em pior posição, como sejam o Académico com 6 pontos negativos, o Oriental, a CUF, o Leixões com 3, bem como o Olhanense e o União de Tomar com 2 pontos negativos.

Começam-se a definir posições e cada vez mais há necessidade de acautelar os desafios em casa. Amanhã o S. C. Espinho recebe o Sporting. Sabe-se que não é um jogo fácil, pois os lisboetas constituem uma equipa-operária, de luta, onde o argentino Yazalde dá o cunho da «produtividade». Espera-se que os espinhenses não se inferiorizem à priori, e entrem em campo convictos que também dispõem de trunfos valiosos para aliarem à exibição a conquista de um ou dois pontos.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem

oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

CAMPISMO E CARAVANISMO FIM DE SEMANA • 79

ARMANDO TRISTES «BARRACAS»

(Conclusão da 1.ª pag.)

dade jornalística, embora, claro, na minha modéstia de «assalariado da doce arte de escrever» perante o literato, o intelectual, o profissionalão, o professor.

Afinal, julgava eu que uma das regras mais elementares da democracia, era dar o direito aos outros de terem opinião contrária, de exprimir pontos de vista antagónicos, dentro de certos e correctos limites. Ensina-nos, todavia, o luminar profissionalão da Imprensa, na sua rectidão, verticalidade, independência, honestidade, que assim não é porquanto, despido do açaimo intelectual (ele o confessa), de-satou a morder, com a dentuça da cretinice bem afiada, espumando raiva (obrigado, sr. Pasteur por nos ter defendido), denotando sabugismo até e atirando pedras ao telhado dos vizinhos, quando o seu, pelas responsabilidades de profissionalão da Imprensa, está cheio de vidros, muito mais frágeis.

Bem, mas afinal como será viável construir uma sociedade democrática quando, quem tem tantas responsabilidades, quem devia ensinar até por força da profissão, age daquela maneira, talvez porque, aí sim, o caciquismo de velhos métodos não se extinguiu?

Defensor de princípios democráticos, independente, pois tenho profissão própria que não é a de jornalista, desvinculado desde sempre de qualquer politiquice, servilismo ou caciquismo, dei (sempre dei) aos outros o tal direito de discordarem dos meus pontos de vista, mas, devagar, alto aí, quando os métodos usados são correctos, despido de insidez, de imbecilidade, de cretinismo, e sem estarem eivados da tola presunção de falsa superioridade intelectual. Mas, não posso usar tais processos quando um preclaro e intelectualíssimo sub-director, profissionalão da Imprensa, envereda por caminhos condenáveis, se entrega à verborreia torpe, cego de raiva (ele lá sabe porquê!), embora em «Editorial» desse número da revista onde vomitou o artigo, se diga, curiosamente «um dos princípios fundamentais que tem norteado o nosso trabalho desde a primeira hora assenta no debate franco leal e o mais possível aberto de todos os problemas...»

Uma no cravo, outra na ferradura! Doutrina que, afinal, os da casa, mesmo o sub-director, não seguem. Afinal, processos «velhos e relhos» que lamentavelmente ainda proliferam por aí, esses sim, verdadeira reacção no implantar da democracia pela qual almejamos.

Mas, porquê, a atitude sabujenta do luminar profissionalão da Imprensa, tornado de dores, para vir a terreiro quando o visado foi, unicamente, o entrevistado? Alguém atacou o entrevistador?

Talvez o preclaro e distintíssimo jornalista, depois de um rebate de consciência (já que a entrevista é simbiose de confusão, sensacionalismo e muito desconhecimento das questões espinhenses), sentisse culpas no cartório em tamanha infelicidade, pois, mesmo ele, desde logo, entrou a explorar, a glosar as ideias confusas tristes, do entrevistado.

Alguém se meteu com o entrevistador? Ou foi-lhe encomendada a defesa, à linha, já que ele é o profissionalão?

Quanto à parte que me toca, nos «imbecis exploradores do subdesenvolvimento regional português», devolve-lha toda, não só por inteiro, (pois era pouco) mas com o acréscimo que lhe toca verdadeiramente, como profissional da Grande Imprensa, por ter concorrido, durante a enorme noite de obscurantismo imposta pelo fascismo, não para o subdesenvolvimento regional português, mas sim para o SUB-DESENVOLVIMENTO NACIONAL PORTUGUÊS, SR. JORNALISTA! CERTO, SR. JORNALISTA!

O sr. Jornalista não era profissional duma Imprensa amordaçada? Escreveu o que quis ou o que lhe deixaram? Escreveu o que quis ou o que lhe mandaram? Quantas vezes foi destacado para serviços, reportagens, onde teve de por em evi-

dência o regime fascista, as suas figuras de proa? Quantas vezes ignorou factos mercedores de denúncia, por saber que o aparelho censório não lhe permitia abordá-los?

Demitiu-se? Recusou-se? Mudou de profissão? Ou colaborou na farsa?

Foi assim que o sr. Jornalista aprendeu a técnica jornalista da grande reportagem?

A Imprensa regionalista (não há regra sem excepção, e isto ajusta-se à grande Imprensa e aos seus jornalistas também), onde colaborei, teve de se sujeitar igualmente às regras do jogo, com maior somatório de condicionalismos até mas militava-se aí por idealismo, graciosamente, para suprir a falha duma Imprensa, por idealismo, pela defesa dos interesses da terra, das suas gentes, das suas coisas, lutando conforme era possível para as melhorarmos, pois a grande Imprensa, assentando em empresas que buscam lucros, os grandes jornalistas com V. Exas., senhor Silva Tavares, não se fizeram para se prenderem, senão excepcionalmente, com as questões de pequenas cidadezitas, do seu povoleu, a não ser quando cheira a sensacionalismo e há hipóteses de vender jornais, depois de se conseguir vultosa publicidade.

Então como é, sr. Jornalista? E néscio ou faz-se, por conveniência?

E não se preocupe, sr. preclaro jornalista, porquanto, pela minha parte sempre tive uma vantagem sobre si. E que, colaborador da Imprensa regionalista, quando não me agradava, pois jamais fui servilista, saía e V. Exia., como profissional manteve-se, aguilhoado, amordaçado, servindo conforme o mandavam.

Talvez, agora, ressume daí a raiva expressa no seu artigo, mas ninguém tem culpas de frustrações, nem de traumas contraídos um tanto por culpa própria.

E não se preocupe, porque nesta terra não faltam homens para a reconstrução, homens íntegros, homens conscientes, homens honestos, homens verdadeiramente identificados com a problemática, homens capazes de erguerem, sem sabugismo, sem politiquerices, a terra, a sociedade que pretendemos para inserir no país novo.

Tome nota, sr. Jornalista, indivíduos da sua estatura nunca nos fizeram falta e muito menos agora, pois, afinal, os seus processos estão à vista e não servem. Essa de, por tudo e por nada, falar de reaccionarismo quando as pessoas democraticamente discordam é imagem perfeita da era fascista que, na mesma ordem de ideias, apelidava de comunistas os discordantes.

Enfim, não é impunemente que se vive amordaçado, agrilhoado, servindo dentro dos parâmetros que o regime impunha e isso, por vezes, deve ter deixado ficar sequelas e traumas.

Por mim, é só, sr. Jornalista e, lembre-se, quem provocou torpe, insidiosa, cretina e insultosamente foi V. Exa., a quem, como profissional da Imprensa, de Grande Imprensa, com responsabilidades, cabia outro discernimento, outros métodos, outra educação, outra ética, outra idoneidade, até porque há os tais telhados de vidro e estamos numa vivência democrática cujas regras elementares são bem outras.

Será que, quem não tem, não pode dar?

E se, democrática, em debate franco leal e o mais (melhor totalmente) aberto, quiser dialogar comigo, esclarecer pontos, estou ao seu inteiro dispor, desde que lhe assalte a coragem, que a mim não falta, de dar a mão à palmatória, de rectificar ideias, de corrigir afirmações, publicamente se preciso, depois dele.

No caso de enveredar por outras processos, então eu puxo o autoclismo para que verborreia vomitada na revista vá pelo cano abaixo. Nesse caso também faço caravanismo. Vou na caravana enquanto que o deixarei a... falar.

Carlos Sárria

Continuando as considerações sobre o problema da habitação-arrendamento, concluímos que, sendo o direito à habitação um direito fundamental do indivíduo, cabe ao Estado providenciar no sentido de satisfazê-lo.

Simplemente o Estado pode transferir para o investimento privado a satisfação desse direito dos indivíduos, o que coloca na dependência da iniciativa particular, a quem logicamente tem de permitir que obtenha uma compensação justa do capital investido. Só que quem suporta a diferença de custos entre a justa compensação do capital particular investido na construção e no preço de retribuição ao Estado pelo serviço que este devia prestar-lhe calculado em função do rendimento (renda social justa) é o cidadão inquilino e não Estado.

Assim se cria um antagonismo, foco de constante luta social: a justiça de remuneração do capital investido na construção pelo cidadão capitalista — investidor (tido por explorador) e a injustiça do encargo de satisfazer essa remuneração para o cidadão inquilino (tido por explorado); um antagonismo inútil, irreal, injustificado.

E no entanto este conflito que atea fogueiras de mal-estar é apenas o reflexo do incumprimento pelo Estado de uma sua obrigação; e será tanto mais ou menos agravado conforme o grau de intervenção do Estado no mercado da habitação e nas condições e regulamentação dos empreendimentos privados e da sua própria iniciativa na satisfação directa dessa necessidade.

Um conflito social que se resolve, porque não tem a menor razão de ser, desde que o Estado se compenetre do dever de satisfazer por si a necessidade da habitação dos cidadãos. E o Estado que, devendo evitar embates sociais, os provoca, contradiz-se a si próprio.

É evidente que o Estado para levar o investimento privado a substituí-lo na construção, tem de criar fortes estímulos para atrair as poupanças dos investidores e perde toda a autoridade para reprimir qualquer especulação.

Transposto o problema para a sociedade portuguesa, enraizadamente capitalista, o Estado tem de criar aos investidores na construção condições que lhes permitam um rendimento do capital não inferior ao que o depósito a prazo lhes concede, e os compensem dos incómodos que a construção e administração das propriedades lhes dá — e muitos são — em confronto com a comodidade do depósito a prazo em que o único trabalho do capitalista é cobrar o juro; nem tem o trabalho de pagar impostos: ou fica isento deles, ou a própria instituição de crédito lhes paga e desconta nos juros.

Nunca, com seriedade, se considerou em Portugal, o problema da construção da habitação para arrendamento e criou-se tal situação que o problema, à partida, toma cariz de insolúvel.

Neste momento, a retracção de construção que o congelamento de rendas provocará, para já, acarretará uma baixa no custo dos solos — um dos factores que mais onera a construção. Tal baixa será em breve convite de novo à construção — mas é um aspecto efémero, pois, reincentivada a construção, logo a procura dos solos os fará subir de preço.

O problema apenas terá solução quando, dentro de um Estado de economia

de compromisso, possa o Estado ir chamando a si a tarefa de fornecer habitações de tipo social, dotadas de requisitos de sanidade e de um mínimo de comodidade, mas dispensando tudo o que seja voluntário, estandardizando o tipo de moradias para obter menores custos na aplicação de estruturas pré-fabricadas, expropriação de solos, usando o tipo de construção vertical (torre) e não horizontal, como os actuais bairros camarários e da Previdência, o que permitirá a criação de zonas verdes entre os blocos, vindo a fixar a renda proporcional aos rendimentos do agregado familiar, portanto constantemente variável.

A construção não terá qualquer fim lucrativo e o empreendimento pode ser transferido, ao nível local, para as autarquias.

Sem dúvida o Estado português nem de longe pode economicamente, por ora, sonhar em tal empreendimento, mas pode a pouco e pouco, ir caminhando para lá.

Paralelamente a essa construção de tipo social, subsistiria o tipo de habitação burguesa para arrendamento, inteiramente entregue à iniciativa privada, com rendas livres para os mais abastados que queiram habitação requintada.

Enquanto o Estado não puder por si satisfazer as necessidades habitacionais pela construção directa de habitações de tipo social, tem de socorrer-se da iniciativa privada e, fatalmente fazer-lhe concessões, obtendo-lhe melhores preços de construção, expropriando-lhes solos para que os obtenham por preços razoáveis, isentando-os de encargos fiscais, etc.

Quando o Estado for progredindo na construção de habitações sociais, cerceará estes incitamentos até os suprimir totalmente, embora respeitando as habitações burguesas existentes; mas a própria concorrência das habitações sociais, faria baixar as rendas das habitações burguesas; este aspecto terá de ser previsto para não haver prejuízo do investimento privado futuramente. E essa forma de preveni-lo podia ser o Estado ir adquirindo pelo justo valor as habitações burguesas, que pudesse adaptar a sociais.

No entanto, permanecia sempre, a par, a construção da habitação burguesa em renda livre como se opina, mas, numa última fase, quando o Estado pudesse por si suprir o problema de habitação, satisfazendo as necessidades essenciais da população, suprimiria todo o auxílio e incentivo à construção de habitação burguesa; nunca proibindo-a, talvez regulamentando-a também para impedir sumptuosidades, mas em qualquer caso consentindo-a.

Vamos continuar na semana próxima, passando a considerar a aquisição ou construção de habitação própria.

Vasco Luís

**Almoce ou jante
no
Restaurante da Piscina**

Aberto todo o Inverno — Preços especiais para Banquetes até 300 pessoas — Serviço permanentes até às 24 horas — Telef. 920153

Comissão de Turismo

ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO